
Seja Misógino e Fique Rico:

As intersecções entre cultura de aconselhamento financeira e discurso de ódio.¹

Vinicius Machado MIGUEL²

Lucas PRIORI³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Neste artigo fizemos um estudo de caso analisando a cultura de aconselhamento financeiro nas comunidades masculinistas brasileiras. Investigamos o legado JPBF como um elemento comum entre essas culturas que traz uma marca neoliberal e utilitária no blog *vida ruim de pobre* do ‘Pobretão’. Ela é uma base que estrutura seus pensamentos misóginos trazendo soluções apoiadas no desenvolvimento pessoal e para o homem odiando as mulheres. Esses enunciados se repetem na entrevista de Luke do Confraria JPBF no podcast Sociedade Racionalista em 2019, e numa segunda entrevista com Fernando, Gomes e Patrick (nomes falsos) realizada em 2022. Analisamos também a entrevista do *Favelado Investidor* no Redcast, evidenciando que há uma base comum na identificação entre os dois campos.

Palavras-chave: Masculinismo; Educação Financeira; Cultura Terapêutica; Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

Timpa era um rapaz negro e pobre que passou boa parte da sua vida em grupos de ódio masculinistas e, após muito sofrimento, conseguiu sair. Na machosfera, seu ressentimento foi amparado quando encontrou o site “vida de pobretão” em 2014, que articulava as frustrações de homens entre a pobreza e a solidão afetiva. Timpa recebeu esse apelido por questões raciais e, de acordo com a jornalista Marie Declercq no uol, o blog era um dos poucos espaços de acolhimento que o garoto encontrou⁴. A jornalista o entrevistou mais de uma vez, e hoje, felizmente, reconheceu que estava iludido. Viver em um ambiente que estimula a misoginia, o ressentimento, a exposição das frustrações de forma pública e conjunta, provavelmente, foi muito doloroso.

¹ Trabalho apresentado no GP, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando do curso de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: vinicius.machado.miguel@gmail.com.

³ Mestrando do curso de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: lucasprioriaa@gmail.com.

⁴ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/05/08/minha-vida-so-piorou-relato-de-um-ex-incele-brasileiro.htm?utm_source=twitter&utm_medium=social-media&utm_content=geral&utm_campaign=tab> acesso em 02/06/2023.

As matrizes sociológicas que fizeram jovens vulneráveis como Timpa entrarem nesses grupos, ainda existem. Reproduzem a perspectiva que o sujeito pobre é humilhado pelas mulheres, visto que seriam interesseiras. Paradoxalmente, a mulher monstruosa (CHANG, 2022), consumista, é um obstáculo na trajetória do homem para ser livre financeiramente. Paralelo a isso, para conquistar a independência financeira não faltam exemplos de influenciadores que enfatizam a importância de estabelecer relacionamentos alinhados com esse objetivo de vida. Esse é um dos principais argumentos do *Favelado Investidor* em sua entrevista no *RedCast* em 2023, principal podcast masculinista do Brasil⁵. O mesmo argumento se repete em outros influenciadores de finanças como Breno Perrucho⁶. Como se formaram os vínculos entre a cultura de aconselhamento financeiro e os grupos de ódio masculinistas no Brasil? Nosso objetivo é encontrar as conexões historicamente estabelecidas entre esses grupos.

A necessidade de pesquisar esse fenômeno é evidenciada quando esses grupos de ódio começam a ganhar visibilidade na mídia, como o caso do “calvo do Campari”, recentemente processado por ameaçar uma mulher⁷. A cultura de aconselhamento financeiro difunde ferramentas de avaliação da performance do sujeito segundo imperativos neoliberais de produtividade. Alguns influenciadores de finanças, intencionalmente estabelecem vínculos com esses grupos de ódio, uma vez que seu conhecimento seria útil para eles na sua busca pela riqueza. Para além desse “boom midiático”, também é razoável pensar as especificidades na formação ideológica e afetiva desses setores da direita.

A tese que buscamos defender neste artigo é que existe um vínculo histórico entre os grupos misóginos no Brasil e a cultura de aconselhamento financeiro que nunca deixou de existir e que é constituinte de ambas. Existe um elemento neoliberal nas raízes da cultura *redpill* ao mesmo tempo que existe uma interpretação misógina nas bases históricas do aconselhamento financeiro. O corpus que será analisado para esse artigo visa mapear as raízes históricas dessa união infame. Nos aproveitando da vontade que a machosfera possui de registrar sua própria história, nos cabe compreender esses vínculos

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekoNMVV_T9o&t=3985s> acesso em: 08/06/2023

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DppdhKx8fCs>> acesso em: 13/05/2023

⁷ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/mp-denuncia-thiago-schutz-o-calvo-do-campari-por-ameaca-contra-influenciadoras-nprm/>> acesso em 02/06/2023. Thiago Schutz é podcaster e publicou livros dentro do universo misógino *redpill*.

do início do século XXI, notar a cultura terapêutica nesses processos e tentar compreender quais são as continuidades e descontinuidades dessa união.

EDUCAÇÃO E ACONSELHAMENTO FINANCEIRO

A cultura de aconselhamento financeiro estabelece que o indivíduo através de conhecimentos sobre investimentos, poupança e empreendedorismo pode melhorar sua condição de vida, e em última instância, resolver problemas sistêmicos como o endividamento e a pobreza. Isso é consequência das biopolíticas neoliberais que estabelecem os empresários como modelo de subjetividade (FOUCAULT, 2008; DARDOT e LAVAL, 2016). O que é considerado relevante, é o que em alguma medida, pode ser convertido em dinheiro. Essa relação com o saber trata-se de uma instrumentalização do conhecimento como um produtor de riqueza. Esse processo adentra diversos tópicos como a capitalização de ideias, informações e técnicas como tentativa de formação da subjetividade dos sujeitos (CHARLOT, 2018; GORZ, 2005; LAVAL; ECHALAR, 2019)

Como consequência do peso utilitário das críticas sobre a escola, Christian Laval afirma que ela passa a ter como função formar competências, destacando que a “metacompetência” é “aprender a aprender” (2005, p. 41). Isso estimula a desvalorização de qualificações mais duradouras acerca dos conhecimentos técnicos dos trabalhadores, forçando que necessitem sempre se reinventar através de formações continuadas para otimizar sua mão de obra. No caso Brasileiro, podemos dizer que houve uma perda da credencial simbólica das Instituições legitimadas pelas limitações do neodesenvolvimentismo (CAVALCANTE, 2015).

Se aproveitando da instabilidade desse contexto, Thiago Nigro afirma que: “o conhecimento vale muito pouco quando você não consegue transformar ele em dinheiro”⁸. Ele se refere aos seus próprios livros, aconselhamentos, monitorias abordando temas como empreendedorismo e investimentos em ativos da bolsa de valores. A educação financeira, imersa nessa cultura, é um meio de responsabilizar os sujeitos que vivem na

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BCzrNup131I>> Acesso em: 13/04/2023. Criador do Canal *Primo Rico*, com mais de 6 milhões de inscritos, Tiago hoje é um dos principais ícones da cultura de aconselhamento financeiro. Publicou o livro *Do mil ao milhão*, o quarto mais vendido no Brasil em 2019 e é um dos experts da XP Investimentos. Seus conteúdos de autoajuda financeira se referem ao uso de investimentos em ativos da bolsa de valores para aqueles que fazem a “escolha” de enriquecer.

pobreza a encontrar soluções para sair dela sem políticas de distribuição de renda (ARTHUR, 2012; CLARKE, 2015; SARAIVA, 2017). Os sujeitos são estimulados a realizarem essa conversão do conhecimento em dinheiro através de meios diluídos na formação de suas subjetividades. Ao partir desse conhecimento para tomar qualquer decisão devem avaliar sua vida observando a utilidade e o valor financeiro das coisas e das relações, em vez de valores mais humanistas.

A posição privilegiada desse saber permite que ele seja abordado em noticiários, reportagens, pesquisas, livros de autoajuda, podcasts, propostas políticas de prevenção a crises financeiras ou, como no Brasil, na reforma do ensino médio. Enunciados os quais reproduzem a afirmação de que as pessoas são “mal-educadas” financeiramente, contribuindo para uma economia precária no Brasil. Discussão que ganha relevância quando o cenário da economia doméstica é fortemente afetado pelas tendências de crise do capitalismo (ARTHUR, 2012; HARVEY, 2015)

Essa discussão midiática ocorre quando a precarização e a flexibilização do trabalho reduziram o poder de compra das famílias. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020; SENNETT, 2015). Simultaneamente, o acesso a serviços de reprodução social dos trabalhadores torna-se precarizado (BATHACHARYA, 2019; FRASER, 2017). O consumo medeia o alcance dos indivíduos a educação, saúde, alimentação, moradia, segurança, transporte e vestuário. Numa pesquisa realizada pelo Serasa sobre o endividamento da população publicada em 2022 aponta como os endividamentos mais comuns são com tratamentos médicos e alimentação (SERASA, 2022).

A MACHOSFERA BRASILEIRA E O SONHO DE SER RICO

A *menosphere* em seu formato anglófono pode ser definida como grupos antifeministas virtuais ‘levemente conectados’ (VAN VALKENBURGH, 2021), ou seja, é difícil conceitualizar um pensamento masculinista único e sem desavenças. No entanto, segundo Castellano e Miguel (2023), podemos notar especificidades no caso brasileiro. Enquanto a bibliografia internacional busca pensar esses processos nos EUA e na Europa Ocidental (BLAIS; DUPUIS-DÉRI, 2012), o Brasil conta com seus próprios meios de compreender seu ódio de gênero.

O Pobretão começa a escrever seu blog em 2012, e se mantém com publicações constantes até 2016, período esse em que se torna gradualmente mais misógino⁹. Justificamos o uso desse blog em específico pois a machosfera Brasileira possui o hábito de preservar os registros daquilo que eles consideram conhecimento mais valioso. Graças a isso, entre aquilo que está disponível nesses acervos online, estão Nassahan Alita, Silvio Koerich e o nosso presente “vidaruimdepobre.com”.

O blog do pobretão, como ele mesmo diz, tem o objetivo de ser um diário de seu caminho até a riqueza. Segundo Paperno (2004) diários são objetos históricos interessantes pois nos possibilitam caminhar entre a literatura e a documentação, o privado que, nesse caso, é colocado em público e atrai uma quantidade significativa de seguidores. Nos permite, não apenas olhar o desenvolvimento desse sujeito, mas como um blog que era para falar de desenvolvimento financeiro se tornar um refúgio de misoginia, ressentimento (BROWN, 2019) e desamparo (SAFATLE, 2016).

Entendemos, para fins dessa pesquisa, que através desses relatos íntimos possuímos um olhar a respeito da formação afetiva de alguns setores das direitas reacionárias de uma baixa classe média. Conforme o próprio Pobretão, seu blog tem o objetivo de ser um diário no qual ele discorre suas mazelas. No entanto, a nós interessa que esse regime de afetos tenha se transformado em uma característica brasileira. Estamos falando aqui da Sigla J. P. B. F (Jovem, Pobre, Beta e Feio) e vamos analisar passo a passo como isso aparece na formação da subjetividade desses sujeitos.

METODOLOGIA

Fizemos um Estudo de caso múltiplo com base em Robet Yin (2014). Analisamos o blog *Vida Ruim de Pobre*, escrito pelo anônimo “Pobretão” entre 2012 e 2016, que influenciou Timpa e muitos outros homens, deixando vivo um legado importante para o masculinismo: Legado J.P.B.F. Evidenciamos a força contemporânea desse legado nas entrevistas analisadas do podcast Sociedade Primitiva: 1) Luke do Confraria JPBF em 2019¹⁰; 2) (nomes falsos) Fernando, Gomes e Patrick, em 2022¹¹. Por último, analisamos

⁹ <<http://www.vidaruimdepobre.com/>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CdKscOIIq0s>> acesso em 29/06/2023.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o3r9vWP5tRw&t>> acesso em 29/06/2023.

a entrevista do *Favelado Investidor*, no *Redcast* atualizando para o contexto de 2023¹². Buscamos analisar esses enunciados com base naquilo que já foi publicado sobre masculinismo internacionalmente e demonstrar pontos de intersecção entre ambas as filosofias de mundo através das falas e interações entre os sujeitos.

Percebemos que a linha masculinista de aconselhamento financeiro apresenta características ainda mais específicas: modo de falar, vocabulário e léxico próprio. As falas cotidianas, marcadas pela informalidade, permitem observar as relações de apoio que se formam nessa cultura criando regimes de afetos entre aqueles sujeitos. Assim, quando falam dos sentimentos que os levaram a ter uma visão misógina de mundo (FUREDI, 2004), observamos a ênfase na interação entre três elementos: a percepção de pobreza, o ódio de gênero e a formação de grupos de apoio dotados de um senso de comunidade construído nesses meios.

SEJA MISÓGINO E FIQUE RICO - O LEGADO DO POBRETÃO

O blog do Pobretão, citado acima, gerou consequências bastante profundas nas comunidades masculinistas. Um homem de classe média, por volta dos seus 26 anos, decide criar um diário visceral de sua experiência com a pobreza e seu desprezo pelas mulheres. Vale dizer, que ele se privava de todos os prazeres possíveis para conseguir poupar o máximo em bolsa de valores. Em 2012, fazia aportes mensais de R\$2600, no final do mesmo ano passou a aumentar essa quantia para R\$3300. Ou seja, longe de ser um “pobretão de fato”.

Sua relação com a literatura de aconselhamento era ambígua. Livros como *O Segredo* e, principalmente, o livro *Casais inteligentes enriquecem juntos* de Gustavo Cerbasi, o fascinavam. Enquanto esses livros o estimulavam a fazer parte de um casal, não o convenciam, pois não levavam em conta “o tradicionalismo oportunista e consumismo feminino”¹³. Em outro texto, diz que “a comunidade é muito mais agressiva e consciente do papel feminino na vida econômica do homem”. Se referindo aos incipientes grupos masculinistas que vinham se formando no início da década de 10.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekoNMVV_T9o&t=3985s> acesso em: 08/06/2023.

¹³ Disponível em: <<https://www.vidarumdepobre.com/2012/01/casamento-me-deixara-mais-pobre-do-que.html>> acesso em 01/07/2022

Seu blog tinha como intuito realizar um aconselhamento financeiro para homens indicando melhores ou piores investimentos e estratégias de ação para melhorar de vida. Havia uma hierarquia entre “Playboys” e “Pobretões”: delimitada entre quem possuía acesso a bens de consumo como eletrônicos, carros, festas caras, viagens internacionais, e os que não possuíam. Na contramão do dogmatismo da felicidade (FREIRE-FILHO, 2010), reclamava da própria vida e da humilhação no trabalho. Recusar a maioria dos bens de consumo (tirando presentes de familiares) para poupar dinheiro era a saída. Surge o problema em ter uma vida romântica: primeiro, pela sua crença na mulher monstruosa (CHANG, 2022) atrasando sua liberdade financeira; segundo, por acreditar que as mulheres só podem ser conquistadas por caras bonitos e ricos¹⁴.

O *Vida Ruim de Pobre*, segundo o Host de Sociedade Primitiva, contava com trezentas mil visitas por mês. Seu legado, batizado pelos seus membros de “Legado JPBF”, representa um grupo que se vê como excluído da sociedade por serem jovens (ainda sem a vida construída), pobres (precisarem de trabalhar), betas (não fazerem parte da ‘elite’ de homens que chamariam a atenção de todas as mulheres) e feios (não serem pessoas que chamam atenção pela sua aparência física). Enfatizamos que essas características abrangem a vasta maioria dos homens.

Nos podcasts identificamos a mudança trazida pela cultura terapêutica na fala dos participantes. O ressentimento contra o mercado de trabalho e a “vida injusta” agora é algo condenável. Como exemplo, Ernani Carreira diz que “crenças limitantes” congelam as pessoas e impedem que elas alcancem seu verdadeiro potencial. O entrevistador, que se diz defensor do direito dos homens, vê o legado do pobretão com muitos bons olhos, mas fica inseguro ao mostrar essas histórias para os ouvintes. Com medo de que eles fiquem congelados ou tomem a *Blackpill*¹⁵.

NÃO SE APAIXONAR E O AUTOAPRIMORAMENTO NARCISISTA

A cobrança de um controle afetivo os leva a uma dessensibilização com as mulheres. Ao reconhecerem sua incapacidade de conquistar mulheres bonitas que os

¹⁴ Pobretão fez até os cálculos de todas as cirurgias plásticas que ele precisaria fazer para ser considerado atraente. Disponível em: <<https://www.vidaruimdepobre.com/2012/08/quanto-custa-para-um-pobre-ficar-bonito.html>> acesso em 01/07/2023.

¹⁵ Blackpill é um setor mais radical dos movimentos masculinistas. Tomar a blackpill significa que a pessoa se entende como excluída da sociedade e sem nenhuma solução vigente. A pessoa abre mão da vida afetiva, do trabalho e da política.

chamariam de “comunzinho” ou “normalzinho”, acionam como sistema de defesa endurecer seu cuidado com elas. Logo, recusam o sentimentalismo e o amor romântico. Luke do Confraria relata duas formas de vingança aconselhadas pelo Pobretão após o sucesso financeiro: 1) “greve de casamento”: um relacionamento estável sem intenção de constituir família e se apaixonar evitando vínculos legais, pois significavam necessariamente que as pessoas iam empobrecer; 2) greve de relacionamento: os homens deveriam se abster de relacionamentos íntimos com qualquer mulher que não seja prostituta.

Na entrevista de Luke a mulher perigosa aparece principalmente através de narrativas autobiográficas e evidências anedóticas. A influência do pobretão é evidenciada nos relatos sobre sujeitos que eram casados e a leitura do blog os levou a adotar uma posição crítica sobre as mulheres e se separar. Em outro momento, Luke narra como um colega se separou, pois a esposa não consentia sexualmente. Salientamos como nesses grupos isso é encarado como um problema, assim como o trabalho de reprodução sexual (BHATTACHARYA, 2017) seria humilhante para um homem.

Temos um tópico dos melhores comentários [...] tinha um que a mulher dele negava sexo, a mulher se recusava a apagar pelos pubianos. A mulher se recusava a fazer sexo oral nele após o casamento. A mulher dele obrigava ele a limpar toda a cozinha depois das refeições. Ou seja, nem sexo, que seria o objetivo primordial do casamento ele tinha. (Ibid.)

Outro entrevistado, Gomes, era quem mais parecia ressentir mulheres. Ele teve um relacionamento que, segundo a própria narrativa, envolveu todo tipo de abuso psicológico, humilhações e até agressões físicas. Leu Nessahan Alita (CASTELLANO, MIGUEL, 2023) e passou a se culpar por estar naquela situação e criou o ressentimento generalizado por todas as mulheres. Como ele Narra:

A culpa era minha parcialmente porque eu tinha uma posição de *Beta*, [...] que eu era submisso a minha esposa e não era assim que tinha que ser. Que as mulheres não querem isso, que elas te levam pra esse caminho, mas não é isso que elas esperam de você. [...] Quando elas encontram um cara assim, elas sentem repulsa daquele cara. (SOCIEDADE PRIMITIVA, 2023)

Mais adiante em sua entrevista, isso fez ele parar de acreditar na capacidade de receber amor. “A gente não é amado por ninguém. A gente é útil por pessoas. A mulher quando ela te ama é que você está sendo útil pra ela. Seja sexualmente, seja financeiramente, seja que você está suprimindo uma carência que a pessoa tem.” (IBID.).

Essa visão utilitarista das pessoas, só se confirma pelas leituras mais pessimistas da sociologia (BAUMAN, 2004).

O sentimento de estranhamento faz com que essas pessoas se afilem a esses grupos para suprir suas necessidades afetivas. Gomes, centraliza com mais força os grupos JPBF, pois eles foram sua principal rede de apoio após o divórcio, reforçando que essa foi à primeira vez que se sentiu parte de um grupo em toda sua vida (SOCIEDADE PRIMITIVA, 2023). Nesse grupo, o autoaprimoramento narcisista é visto como única saída possível. O grupo JPBF foi quem ensinou Gomes a “olhar para o espelho e saber que é aquilo que você tem que investir” (SOCIEDADE PRIMITIVA, 2023) e coloca boa parte dos seus méritos (ser funcionário público e ter um corpo mais malhado) na confraria “hoje eu estou em outro patamar agora (SIC) e tudo isso é graças ao grupo” (Ibid.).

As mulheres não contribuem para seu desenvolvimento pessoal. O Grupo, ao contrário, é a quem eles dedicam esse mérito. Gomes, diz que o grupo JPBF, o incentivou a ter mais “rage de mulher”, a malhar e estudar. Para Fernando, o grupo lhe forneceu à disciplina necessária para entrar na universidade federal que ele queria. Patrick, escolheu sua profissão através da Hierarquia de Profissões do Pobretão, que veremos adiante. Ele que começou “a reconstruir” sua “autoestima com o blog”. O aconselhamento financeiro faz eco novamente quando diz: “eu acho que se o cara entra no jogo achando que vai perder, ele vai perder mesmo. É o lance da profecia autorrealizável. [...] o cara já queria ser acomodado e ele acha uma justificativa praquilo” (IBID.).

SER LIVRE FINANCEIRAMENTE PARA SE VINGAR

O utilitarismo sedimentado na avaliação de escolhas de vida, como na cultura de aconselhamento financeiro, é um dos nortes dos JPBF (LAVAL, 2005; ARTHUR, 2013; CLARK, 2014). Mas nesse caso, chamaremos de “hierarquia de profissões do pobretão”. Nesse aspecto, podemos dizer que existe um anti-intelectualismo claro na maneira pela qual esses grupos se utilizam do conhecimento. Sem o qual nós não conseguimos compreendê-los com propriedade.



Figura 1

O Pobretão fez uma hierarquia de todos os possíveis cursos superiores considerando salário, status, empregabilidade e qualidade de vida. Ele disserta sobre as possíveis profissões, criticando as que pagam menos e seriam menos importantes para seus objetivos. Na Hierarquia de profissões do Pobretão, não cabem cientistas, professores, teóricos e psicólogos. Nela, apenas engenheiros, médicos e o alto funcionalismo público na área de direito receberiam algum tipo de legitimação. Os outros cursos recebem a categorização “da hora mano” pra baixo. Tirando sua leitura muito específica de Direito, a única matéria de humanas que aparece acima do nível “merda de cachorro” é economia¹⁶.

Na cultura de aconselhamento financeiro a crítica utilitária à universidade é mais incisiva do que a apresentada pelo Pobretão. No entanto, o elemento central se repete. Em seu núcleo, para distribuir uma sensação de segurança para quem está inseguro nas condições de existência do capitalismo, essas técnicas representam uma construção de futuro. Seu desdobramento é a extensão do cálculo financeiro para todas as atividades humanas, descartando o que não convém a produção de dinheiro.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.vidaruimdepobre.com/2014/02/quais-as-melhores-e-piores-profissoes.html>> acesso em 07/07/2023.

Os problemas disso são os reflexos no modo como se estabelece a cidadania. Em vez de discutir questões estruturais que a longo prazo possam melhorar as condições de vida das pessoas, discute-se o que cada um pode fazer para melhorar sua sorte. Com efeito, a marca de sua crítica aos outros é um grave preconceito de classe e de raça, principalmente, relacionado ao consumo das famílias pobres das periferias. Utilizam o nome “Chimpa”, ou Chimpanzé, para falar de pessoas que “não” teriam “uma inteligência apurada”. Luke, tentando se defender das possíveis acusações de racismo, revela o racismo e o classismo por trás desse pensamento:

O pessoal da periferia que a gente falou aqui, não é nenhum preconceito é conceito, porque você não vê praticamente nenhum desse pessoal aí, poupando, pensando no futuro. Eles se qualificando pra melhorar de vida abrindo sua própria empresa, buscando uma promoção ou até uma imigração pra ter uma vida melhor em outro país. Eles não fazem isso. É coisa de chipanzé que não tem inteligência nenhuma [...] (SOCIEDADE PRIMITIVA, 2019)

A aplicação desses conhecimentos financeiros sob o viés masculinistas, prega a existência de um bom final, batizada de Vingança Tardia do JPBF. O pobretão narrava uma profecia onde o auto sacrifício no presente (poupar e investir, com uma vida absolutamente precarizada) geraria uma vida rica no futuro. A vingança tardia do beta é um paraíso do consumo. Viveriam sem problemas ou humilhações e teriam sexualmente as mulheres que eles considerassem atraentes.

A narrativa de salvação surge como uma base, que dá esperança para uma vida já que cheia de incertezas afetivas (ILLOUZ, 2021) e econômicas (FRASER, 2017). A cultura de aconselhamento aparece como única esperança de não viver uma “vida ruim de pobre” e solitária. O aconselhamento financeiro utiliza as mesmas bases para indicar a construção de uma liberdade financeira. Porém, com ligeiras diferenças. A ideia é que após esse momento, o sujeito tem a oportunidade de fazer o que gosta. Isso sedimentado em grupos de ódio, faz o sujeito encarnar que possuirá no futuro o poder de fazer com mulheres o que bem entender.

MACHOSFERA FINANCEIRA EM 2023

No *Redcast*, em 2023, Murilo Duarte, o *Favelado Investidor* é entrevistado no maior podcast masculinista do Brasil. O que um influenciador de finanças, que fala para um público mais amplo que a machosfera, poderia contribuir com esses homens? Longe

de ser apenas um especialista falando sobre as técnicas, escolhas e decisões que tomou para subir na vida, ele é um sujeito com quem se identificam. Através da narrativa autobiográfica, influenciado pelas perguntas dos entrevistadores, ele relata o papel negativo de várias mulheres ao longo de sua história.

Suas experiências tratam de condutas problemáticas do ponto de vista financeiro das mulheres. Em uma ocasião em que gastou bastante dinheiro se preparando para um encontro, ao receber elogios da menina “foi quando” pensou no seu “subconsciente”: “ela me notou porque eu [estou] de roupa de marca”. E deixa uma questão no ar para os betas: “quantos homens acabam passando por isso?” Em outro momento, surge a pergunta: “depois que você ficou milionário alguma mina voltou a te procurar?” (REDCAST, 2023). Murilo afirma que sim, sua primeira namorada. Com isso, ele aconselha, com base em princípios de vida, que as pessoas valorizem quem foi útil nos momentos de dificuldades. As relações amorosas aparecem mediadas pelo uso do dinheiro e a capacidade do indivíduo, ao possuí-lo, se destacar entre outros homens como um sujeito interessante para as mulheres.

Diferente do Legado do Pobretão, ele valoriza seu atual relacionamento por ser adequado a seus objetivos de vida. Contudo, em seu relato notamos que está estabelecido o mesmo foco central da conduta a partir do utilitarismo, nesse caso, aplicado as funções do homem e da mulher. A mesma ex-namorada que o procurou depois de ficar milionário, a causa do fim do relacionamento foi que ela não aceitava que dedicasse tão pouco tempo a ela. Por consequência, dedicava seu tempo aos estudos que o permitiriam ficar rico. Algo que não se repete no seu relacionamento atual, pois os dois se apoiam e cooperam para ficarem ricos juntos.

Murilo Duarte não condena todas as mulheres nem apresenta um objetivo de vingança. Porém, seu contato com a machosfera é referência a uma matriz de conhecimento financeiro e do patriarcado que conectam os dois polos. O homem é colocado como o principal responsável pelo gerenciamento da casa, da mulher e da família. A mulher, se for possível, deve ajudar nas contas de casa, contudo, seu foco deve ser cuidar das crianças e do marido para que construam uma prosperidade juntos. Esta intersecção evidencia como o diálogo entre as duas culturas tem uma formação comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Siapera (SIAPERA, 2019), os masculinistas utilizam as mulheres como “bode expiatório” para problemas materiais d’O Capital e do patriarcado. A ênfase tanto do pobretão quanto dos entrevistados Luke, Fernando, Gomes e Patrick no assédio moral nos empregos e subempregos da iniciativa privada são bem reais e foram agravados após a reforma trabalhista do governo Temer. Seu isolamento e atuação mais enérgica na internet (TURKLE, 2011; ILLOUZ, 2008, 2021; BAUMAN, 2001, 2004) fez com que esses sujeitos se sentissem tão estranhos à sociedade, que o mínimo de destronamento trazido pela primavera feminista (ALVAREZ, 2014; GOMES; SORJ, 2014) fosse considerado uma agressão.

Esses homens se sentem humilhados pelas mulheres que exercem seus direitos constitucionais e republicanos. Logo, às humilhações trabalhistas não são resolvidas com luta de classes, mas com ódio de gênero. Esses grupos seguem à risca a questão do desamparo proposta por Safatle (2016). Eles colocam todos os homens como vulneráveis e dizem que não existe nenhuma alternativa para a emancipação tirando frugalidade, investimento, narcisismo, o utilitarismo anti-intelectual e a crença no dinheiro como salvador de todas as mazelas.

Esse ressentimento, sistemicamente alimentado, faz com que o direito das mulheres a sua autonomia e individualidade estejam em risco, logo, nós nos tornamos menos cidadãos. Concordamos que “no Brasil, o cara que nasce pobre” é “condenado a ter uma vida sub-humana”, como afirmou Luke. Contudo, ódio de gênero e conhecimentos financeiros não são suficientes para resolver esses problemas. A sensibilização com a pobreza, com as mulheres e com os brasileiros começa com políticas públicas de distribuição de renda. Soluções individualistas nada mais são que medidas que contribuem para a intensificação desses conflitos gerando mais problemas. Assim é o capitalismo em período de crise.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, S. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, p. 13–56, dez. 2014.

ARTHUR, C. **Financial Literacy Education: Neoliberalism, the Consumer and the Citizen**. [s.l.] Sense Publishers, 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. [s.l.] Zahar, 2004.

BHATTACHARYA, T. **Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression**. [s.l.] Pluto Press, 2017.

BLAIS, M.; DUPUIS-DÉRI, F. Masculinism and the Antifeminist Countermovement. **Social Movement Studies**, v. 11, n. 1, p. 21–39, 1 jan. 2012.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. 1ª edição ed. [s.l.] WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. [s.l.] EDUSP, 2007.

BROWN, W. **In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West**. [s.l.] Columbia University Press, 2019. p. 264 Pages

CASTELLANO, M. **Vencedores e Fracassados: O Imperativo do Sucesso na Cultura da Autoajuda**. [s.l.] Appris Editora e Livraria Eireli - ME, 2018.

CASTELLANO, Mayka; MIGUEL, Vinícius Machado. “O SOFRIMENTO AMOROSO DO HOMEM”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda. In: **ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023**, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-sofrimento-amoroso-do-homem-misoginia-e-discurso-de-odio-na-literatura-masculi?lang=pt-br>> Acesso em: 14 ago. 2023.

CAVALCANTE, S. Classe média e conservadorismo liberal. Em: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Eds.). **Direita, Volver! O Retorno da Direita e o ciclo político Brasileiro**. [s.l.] Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 304.

CHANG, W. The monstrous-feminine in the incel imagination: Investigating the representation of women as “femoids” on /r/Braincels. **Feminist Media Studies**, v. 22, n. 2, p. 254–270, 17 fev. 2022.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª edição ed. [s.l.] Cortez, 2018.

CLARKE, C. Learning to fail: resilience and the empty promise of financial literacy education. **Consumption Markets & Culture**, v. 18, n. 3, p. 257–276, 4 maio 2015.

FILGUEIRAS, V.; ANTUNES, R. Plataformas Digitais, Uberização do Trabalho e Regulação no Capitalismo Contemporâneo. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 1, 17 abr. 2020.

FRASER, N. Crisis of Care? On the Social-Reproductive contradictions of Contemporary Capitalism. Em: BHATTACHARYA, T. (Ed.). **Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression**. [s.l.] Pluto Press, 2017.

FUREDÍ, F. **Therapy Culture: Cultivating Vulnerability in an Uncertain Age**. [s.l.] Psychology Press, 2004.

GOMES, C.; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 433–447, ago. 2014.

GORZ, A. **Imaterial (o) - Conhecimento, Valor**. [s.l.] Annablume, 2005.

-
- HARVEY, D. **O enigma do capital: E as crises do capitalismo.** [s.l.] Boitempo Editorial, 2015.
- ILLOUZ, E. **Saving the Modern Soul: Therapy, Emotions, and the Culture of Self-Help.** [s.l.] University of California Press, 2008.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo.** 1ª edição ed. [s.l.] Zahar, 2011.
- ILLOUZ, E. **The End of Love: A Sociology of Negative Relations.** [s.l.] John Wiley & Sons, 2021.
- LAVAL, C.; ECHALAR, M. **A Escola Não é uma Empresa.** 1ª edição ed. [s.l.] Boitempo Editorial, 2019.
- LOFTON, K. Gospel. Em: AUBRY, T.; TRAVIS, T. (Eds.). **Rethinking Therapeutic Culture.** [s.l.] University of Chicago Press, 2015.
- MIGUEL, V. M. **DISCUTINDO O AMOR ROMÂNTICO: CLASSE MÉDIA, CULTURA TERAPÊUTICA E NEOLIBERALISMO.** Dissertação de Mestrado—Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.
- NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism.** New York, NY: Cambridge University Press, 2019.
- PAPERNO, I. What Can Be Done with Diaries? **The Russian Review**, v. 63, n. 4, p. 561–573, 2004.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** [s.l.] Autêntica, 2016.
- SARAIVA, K. S. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista**, p. 157–173, dez. 2017.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 1ª edição ed. [s.l.] Record, 2015.
- SIAPER, E. Online Misogyny as Witch Hunt: Primitive Accumulation in the Age of Techno-capitalism. Em: GING, D.; SIAPER, E. (Eds.). **Gender Hate Online: Understanding the New Anti-Feminism.** Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 21–43.
- TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other.** [s.l.] ReadHowYouWant.com, 2011.
- VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 24, n. 1, p. 84–103, 1 abr. 2021.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** 5ª edição ed. [s.l.] Bookman, 2014.